

# humanitas

Vol. XXXVII-XXXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

P.<sup>e</sup> JOSEPH DE ANCHIETA, **Cartas. Correspondência ativa e passiva.** Pesquisa, introdução e notas do P.<sup>e</sup> HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S.J., São Paulo, Edições Loyola, 1984, 520 pp.

Trata-se do 6.<sup>o</sup> volume das *Obras Completas* de José de Anchieta (1534-1597). O seu Autor, o Rev. P.<sup>e</sup> Hélio Viotti, S.J., é, sem contestação, o mais importante biógrafo do famoso jesuíta, muitas vezes chamado «o apóstolo do Brasil».

São cartas originariamente em latim, português e espanhol: cartas escritas ou ditadas por Anchieta; cartas enviadas a Anchieta; e trechos de cartas de terceiros com referências a Anchieta. Nesta edição, todas apresentadas em português.

Cada carta é acompanhada de bibliografia própria que vai do relato minucioso da sua edição às notas linguísticas e históricas que facilitam a sua leitura e entendimento. O livro é um trabalho de especialista que possui toda a informação existente sobre Anchieta e investiga com o apuro crítico de um *scholar*. Acrescente-se que algumas destas cartas estavam inéditas.

As epístolas de Anchieta são extraordinários documentos humanos sobre a mentalidade e o estado de espírito do europeu quinhentista, possuidor de intensa fé e de cultura intelectual, em contacto com o selvícola antropófago e dado à sensualidade ou, como se escreve na p. 213, «cujos pensamentos, palavras e obras... todos finalmente vêm parar nisto», i.e., na sensualidade.

As cartas são também documentos históricos de quanto o colonizador de então e o brasileiro de hoje devem aos trabalhos e heróicos sacrifícios dos membros da Companhia de Jesus. A sua leitura é recomendável aos homens de todas as idades, mas sobretudo aos jovens, como o mais realista dos livros de aventuras. Para os brasileiros, com o acréscimo de ficarem a conhecer, de maneira viva, simples, desprovida de retórica tropical, as verdadeiras origens do seu país.

Dar conta de tudo quanto informa ou surpreende o leitor nas páginas destas *Cartas* é impossível, a menos que se queira escrever um livro. Aproveitarei, por isso, alguns tópicos apenas.

Depois duma «Introdução Geral» em que resumidamente se trata da Companhia de Jesus e sua chegada a Portugal, seguida da introdução no Brasil, o Rev. P.<sup>e</sup> Viotti faz uma curta biografia de José de Anchieta. Sobre a entrada no Colégio das Artes, aos 14 anos de idade, em 1548, escreve: «Distinguiu-se Anchieta, como um dos melhores estudantes. Pela facilidade com que versejava suas composições latinas, apelidavam-no, por alusão igualmente à sua terra natal, o 'canário de Coimbra'. Assimilou perfeitamente a língua portuguesa, tomando conhecimento inclusive da obra de Gil Vicente. Mas assinalou-se principalmente no domínio do latim.» (p. 13/14).

Não se estranhará que *Humanitas*, revista de Estudos Clássicos, privilegie o latinista. Demais, Anchieta tem sido objecto de estudo na Universidade de Coimbra, ao nível do Mestrado em Literaturas Clássicas. Num dos cursos sobre Épica Novilatina, foi estudado o poema *De Gestis Mendii de Saa* e, mais recentemente, num outro curso sobre a Ode Novilatina, entre os exemplos comentados esteve o de uma ode de Anchieta, no ritmo horaciano predilecto dos humanistas conimbricenses, a saber, o das estâncias de três hendecassílabos sáficos e um adónico.

Nas *Cartas*, publicadas por Hélio Viotti, avulta naturalmente o prosador latino. E é pena que uma epístola humanística, como a datada de São Vicente, a 31 de Maio de 1560, que vem de p. 123 a 143 em tradução do P.<sup>e</sup> Serafim Leite, e magnificamente anotada por Hélio Viotti, não seja acompanhada do original latino. Nela Anchieta, observador da Natureza, revela-se um verdadeiro discípulo dos seus mestres do Colégio das Artes, sobretudo de Diogo de Teive, por quem sabemos de tal prática: costumavam eles, nos dias feriados, percorrer, na companhia dos alunos, os campos de Coimbra, a identificar e estudar as plantas.

E os livros? Não haveria livros no Brasil, no tempo de Anchieta, como alguns pretendem? Os padres jesuítas, que eram homens inteligentes e cultos, estariam privados da companhia estimulante e enriquecedora dos livros?

Seria estranho que assim acontecesse, quando nós sabemos que na bagagem dos soldados da Índia andavam livros, por vezes de tamanho mais reduzido que os actuais livros de bolso. E o Brasil estava a menos de meio caminho da Índia.

Ora as cartas de Anchieta falam-nos de livros. Quando esteve refém dos índios de Iperuí, com a vida em risco permanente, na caixa que o acompanhava, havia livros (pp. 242, 247). Nesta última página: «...os quais nos vieram ver ao navio e me trouxeram os livros e tudo o mais que lhes havia deixado em guarda e algum refresco». Ver ainda a p. 310 *sub fine*.

E fala-se de bibliotecas particulares, existentes no Brasil, no final do século XVI, nas páginas 323 n. 36 e 412 n. 9.

Enfim, estas *Cartas* de Anchieta, com as sábias anotações do Rev. P.<sup>e</sup> Hélio Viotti, são uma obra, simultaneamente, erudita e acessível, cuja leitura se recomenda a todos quantos queiram conhecer os antecedentes do Brasil moderno, de maneira mais sólida que a dos habituais discursos pós-prandiais, correntes no mundo social e político luso-brasileiro.

A. COSTA RAMALHO

**RAUL RÊGO, Os índices expurgatórios e a cultura portuguesa.** Biblioteca Breve. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982, 128 pp.

A um combatente pela liberdade de expressão, que terçou armas durante quase cinco décadas pelo direito de livremente publicar o que ia escrevendo, os «índices expurgatórios» não podem despertar qualquer simpatia. E entretanto merece elogio o tom normalmente objectivo e moderado deste livro.

O Autor não embarcou em generalidades demagógicas que, muitas vezes, evidenciam mais ignorância do que má-fé, como, para citar um exemplo, o caso daquele que, não há muito, escrevia ter sido impossível a José de Anchieta (1534-